

CENÁRIOS EPISTEMOLÓGICOS DO ROMANCE DE INGLEZ DE SOUZA ENTRE RIOS E MATAS DA AMAZÔNIA

EPISTEMOLOGICAL SCENARIOS OF INGLEZ DE SOUZA'S NOVEL BETWEEN RIVERS AND FORESTS OF THE AMAZON REGION

Danielly Samara Mafra Pereira¹
Itamar Rodrigues Paulino²

Data de recebimento do texto: 15/07/2024

Data de aceite: 12/08/2024

Resumo: O presente artigo analisa a região amazônica no contexto dos enredos narrados pelo escritor Inglês de Souza, demonstrando que a região comporta cenários socioculturais do século XIX e apresenta à sociedade relações pouco harmoniosas entre o ‘matuto’ e o ‘civilizado’ da Amazônia. O escritor utilizou a literatura romanesca para desconstruir uma Amazônia desenhada pela ótica eurocêntrica de expedicionários e colonizadores que exaltavam a tropicalidade passível de exploração e o exotismo dos grupos humanos que viviam nessas terras. Sua literatura deu voz aos povos originários e tradicionais, resgatando as dimensões cultural e identitária próprias do ambiente tropical, e propondo outras memórias, diversas e divergentes às eurocênicas, por meio das narrações de existências, resistências, e experiências do sistema lógico da floresta amazônica.

Palavras-chave: Matuto. Civilizado. Literatura. Cultura. Dimensões.

Abstract: This article analyzes the Amazon region in the context of the plots narrated by the writer Inglês de Souza, who used the sociocultural scenarios of the 19th century in the region to present to society the non-harmonious relationships between the 'matuto' and the 'civilized' people of the Amazon. The writer used the novelistic literature to deconstruct an Amazon designed by the Eurocentric perspective of expeditioners and colonizers. They extolled the tropicality of the region that could be explored and the grotesque exoticism of the human groups that lived in these lands. His literature gave voice to original and traditional peoples, rescuing the cultural and identity dimensions typical of the tropical environment, and proposing other memories, diverse and divergent from Eurocentric ones, through narrations of existences, resistances and experiences of the Amazonian Forest logical system.

Keyword: Matuto. Civilized. Literature. Culture. Dimensions.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGSAQ), UFOPA/GEPICIMA. E-mail: danny199mafra@gmail.com

² Doutor em Teoria Literária pela UnB, é professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará, coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (CIMA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ), ambos da Ufopa. E-mail: itasophos@gmail.com

Introdução

Quando se fala ou se escreve sobre a Amazônia, o assunto que vem de imediato é a sua geobiodiversidade. Esta terra é berço de grandes variedades que são indispensáveis à convivência da vida animal, das suas coberturas vegetais e dos seus percursos hídricos totalizando seus ecossistemas e toda “a diversidade sociocultural da Amazônia é parte de seu rico patrimônio, assim como a diversidade biológica” (VERÍSSIMO *et al*, 2011, p. 12). As diversas literaturas escritas e orais existentes na Amazônia que devotam boa parte de suas narrações à vida na floresta precisam ser resgatadas e levadas ao ambiente acadêmico, científico e político para que sirvam de referências nas discussões contemporâneas.

Há uma gama de realidades sobre as vidas das comunidades locais com seus efervescentes modelos culturais entre rios e matas, e que tem sido contaminado pelo assombro político colonizador ou republicano fomentador de exploração irrestrita da região há séculos. As consequências são a geração de uma grande fragilização da já frágil vida humana e do meio ambiente existentes na Amazônia. Nesse sentido, é importante apresentarmos os ensinamentos de Fiuza, Souza e Paulino (2021):

As práticas culturais de populações indígenas, quilombolas, bem como do campo, ribeirinhas e das cidades amazônicas também ficam comprometidas por discursos e projetos pautados em lógicas predatórias que apenas se dirigem à possibilidade de gerar lucros em outros espaços, menosprezando os grandes impactos que podem provocar sobre às vidas de milhões de pessoas. Muitas vezes, discursos pretensamente nacionalistas afirmam que explorar a Amazônia se constitui em um direito do Brasil ao usufruto de seu território, mas como se poderia defender os interesses do país ao custo dos direitos de seus povos, bem como colocando em risco sua biodiversidade? (FIUZA; SOUZA; PAULINO, 2021, p.20).

O que costumamos encontrar nas narrativas literárias existentes na e sobre a Amazônia são composições que não poucas vezes corroboram os manuais oficiais da história da Amazônia cujo mote “civilizatório” é não dar vozes aos mais frágeis do sistema de organização humana na região, já que esses são vistos pela história oficial como não civilizados, selvagens, matutos, caboclos e tapuias. É preciso pôr em evidência que “o escopo que faz uma literatura se sustentar na sua singularidade é o seu enraizamento na realidade, escancarando as nuances culturais de um povo na sua lida cotidiana” (SILVA; MELO; PAULINO, 2021, p. 10).

A prática exploratória destrutiva da classe dominante sobre a floresta amazônica por meio de desmatamento, queimada, desfiguração do solo, poluição de igarapés e rios com rejeitos de atividade de mineração e implantação de grandes projetos econômicos, têm alterado o bioma amazônico causando distúrbios danosos, alterando a dinâmica climática global e desterritorializando grande contingente de povos originários, ribeirinhos e quilombolas que há séculos vivem sob a lógica da floresta.

Desde o período da chegada invasora de colonizadores espanhóis, portugueses, franceses, ingleses, holandeses e alemães entre outros povos, a Amazônia é apresentada ao mundo como um grande *Eldorado* ou um *Paraíso Perdido* – para quem? (FIUZA; SOUZA; PAULINO, 2021, p. 90). Nomenclaturas que acabam por compor um arcabouço epistemológico eurocentrado e insistente na ideia de desqualificar ou menosprezar habitantes originários da Amazônia, e de africanos escravizados trazidos para região no tempo da colonização, acrescida de violentos processos de pilhagem das riquezas encontradas na região.

Se por um lado, esse arcabouço epistemológico alocou povos originários e africanos a um nível inferior mental, cultural e tecnológico em relação aos grupos colonizadores; por outro lado, a ótica europeia da pilhagem estava apoiada numa espécie de razão justificada de que qualquer pedaço de chão não residido por colonizadores europeus tornava-se legítimo objeto de posse, já que a desqualificação dos povos locais implicava a ideia de uma cultura degradada à condição de selvagem e incapacitada à posse. Na concepção colonialista de legitimidade, estava a exploração de riquezas minerais como o ouro e as extrativistas com a canela e o cacau, encontradas na superfície e debaixo da floresta densa.

Essa narrativa visava apresentar à Europa uma terra exuberante, atrativa e com gigantesco potencial de lucro, uma vastidão de florestas entrecortadas por veias fluviais com cenários cheios de encanto, sedução e provocadores de temeridade por conta do desconhecido. “Apesar dos importantes relatos expedicionários descrevendo minuciosamente o que “*descobriram*” no dito novo mundo, não podemos ignorar que as crônicas sobre a região são eurocêtricas, e em muitos casos com profunda distorção da realidade” (FIUZA; SOUZA; PAULINO, 2021, p. 89).

Assim, a formação cultural inicial na Amazônia se deu por meio de relações de diversos povos originários ao longo de séculos pré-coloniais, mas que recebe um impacto compulsório e avassalador às suas culturas, com a chegada dos

colonizadores europeus. Desde então os povos originários se tornaram vítimas das investidas violentas de europeus, da tomada de suas terras, de sua escravização e da transmissão de doenças às quais as estruturas fisiológicas dos povos originários não estavam em condições de enfrentamento. Assim, o despovoamento indígena da região amazônica ocorreu com a chegada portuguesa e de africanos que chegaram à região como escravizados sob a posse principalmente de portugueses (FIUZA; SOUZA; PAULINO, 2021, p. 89).

Ao olhar dos europeus, a floresta primava por sua exuberância alcançando a ideia de paraíso na terra. Entretanto, ela também tinha elementos infernais e incompatíveis com o modelo florestal europeu e seu povoamento dito civilizado. Em diversos depoimentos expedicionários (ACOSTA, 1590; ACUÑA, 1641; CARVAJAL, 1542; SPIX, MARTIUS, 1820; HUMBOLDT 1825; DARWIN, 1859; BATES, 1879; WALLACE, 1889), ora imaginários, ora científicos, há comentários sobre animais peçonhentos de vários tipos como aranhas, serpentes e mosquitos virulentos; também expõe uma região com temperatura altamente severa em relação às condições europeias, e vários povos com costumes ditos selvagens vivendo a partir de seus instintos e desprovidos de cultura “civilizada” do colonizador; ainda que a medida que a Europa entroniza a partir do século XVIII os ideais iluministas, essa questão de subjugação dos povos não europeus aos europeus começa a ser questionada.

Cronistas colonialistas eurocentrados levaram adiante literaturas que colocavam a Amazônia numa situação negativa com narrativas de traços extravagantes enaltecendo o atraso primitivista dos povos originários equivocando a apresentação da Amazônia. Podemos caracterizar, por isso, essas narrativas como insipientes, insuficientes, simplistas e exóticas, e exaltando a Amazônia como terra de ninguém ao serviço do invasor, explorador e colonizador. Silva e Paulino apresentam um posicionamento importante sobre as mudanças que a região amazônica tem apresentado ultimamente.

Ora, desde a chegada lusitana a essas terras, a Amazônia – e sua cultura – foi retratada pelos europeus como lugar mítico e misterioso, terra de faz-de-conta, torrão habitado por estranhos e cheio de riquezas naturais. Contudo, lusitanos e patrícios europeus focaram suas ambições somente no último quesito: as riquezas naturais e as possibilidades de exploração. Ao longo dos séculos seguintes à sua fundação, essa região ganhou novos contornos sociais, políticos, econômicos e culturais, e o povo ingênuo que habitava o entremeio Belém-Manaus parece ter superado essa ingenuidade por meio da busca de uma educação própria, regional, vinculada à natureza, e da valorização de seus traços culturais como resistência a um modelo brasileiro elitista e padronizador da cultura (SILVA; PAULINO, 2019, p.15).

Temos ciência de que nos tempos atuais a Amazônia é tema recorrente em discussões globais sobre mudanças climáticas, preservação do meio ambiente,

desenvolvimento sustentado, pois essa região dos trópicos úmidos está naturalmente atrelada à biodiversidade global. Entretanto, é preciso que façamos um processo de libertação do ambiente narrativo oficial de progresso que adotou um tipo de projeto colonizador europeu introjetado nas histórias sobre a região amazônica, que gerou como consequência, na perspectiva de Paulino (2020, p. 203) “o desaparecimento de várias etnias na América Latina. Isso levanta diversas preocupações, pois significa perda de registros memoriais, históricos e culturais”.

Identities and memories are dimensions that in the scope of Brazil and, specifically, in the space of the Amazonia, require contextualizations of historical nature, since the social national cohesion was made along the centuries of colonization and the republican period, based on the weaving of different and diverse cultures in the belief that their edges would be smoothed with the passing of time by force of the imposition of an apparent homogeneity of cultural traits, and that one day a national identity would be standardized and universally recognized. Although the Brazilian identity, and also the Amazonian one, is in fact a tight blend between the African, the European and the Aboriginal, an evident multiplicity of roots, it is necessary to clarify that in the interior of each of these three roots, the cultural diversity is too large. For this reason, it is in the encounter full of conflict of these cultures that the national identities take form and not in the harmonious encounter (SILVA; PAULINO, 2019, p. 12).

Considerando as observações dos autores, podemos afirmar que os povos que vivem na Amazônia, alocadas, localizadas ou deslocadas dos cenários da grande floresta amazônica, são pautas de discussão atual sobre a floresta nas suas condições paisagísticas de flora, fauna, flúvio e de firmamento. Essas discussões pouco consideram o ponto de vista dos povos originários milenares e dos afrodescendentes que aportaram no país há mais de trezentos anos, na descabida condição de escravizado. Neste sentido, as discussões demonstram o silenciamento aos povos oprimidos imposto pelo progresso econômico colonizador. Esse movimento favoreceu as possessões dos dominadores e tentou esconder ruínas, catástrofes e desastres, exploração e violência, tragédia e destruição de comunidades milenares originárias e de comunidades fundadas por povos africanos que migraram compulsoriamente para a região no período da escravidão.

Esses povos aprenderam a lidar respeitosamente com a floresta. Por isso, é necessário que nessas discussões as vozes originárias e pretas se tornem protagonistas com o fim de superar o modelo de organização local apresentado por vozes estrangeiras.

Nas vozes locais, segundo Silva, Melo e Paulino (2021), há a defesa de que a floresta em pé é a única condição existencial dos povos nativos e dos que chegaram a ela e se adequaram às suas condições. Por isso, esses povos insistem em utilizar os recursos da

floresta a partir de princípios de conservação, preservação e sustentabilidade. Vejamos’ o caso dos povos pretos:

Chamados popularmente de Mocambos e oficialmente de Quilombos, os territórios de base africana no Baixo Amazonas eram constituídos de escravos fugidos, alforriados e libertados e detinham um tipo de organização sociopolítica específica, com esquema espacial de suas palhoças feita a partir de laços de parentesco, e assentados em relações de solidariedade recíproca. Nos casos específicos dos mocambos de preto da região do Baixo Amazonas, eles eram geralmente estabelecidos em regiões de várzea, e suas condições econômicas e sociais cotidianas ocorriam de acordo com a sazonalidade de cheias e vazantes dos rios (BARROS; PAULINO, 2020, p. 107).

Aos poucos as narrativas contestatórias ao modo de pensar burguês da e sobre a região amazônica começam a ganhar *status* literário mais contundente. Neste sentido, Silva, Neves e Paulino defendem que num olhar mais apurado sobre a densa floresta, “serão certamente encontrados diversos povos, seus costumes, suas adaptações à lógica da floresta e suas manifestações culturais, de identidade e de memória, ainda que o olhar europeu insista em ignorar ou invisibilizar” (2021, p. 12).

1. Amazônia: panorama das narrativas de Inglês de Souza

Atualmente, as discussões literárias de expressão amazônida já reconhecem no horizonte literário uma dimensão mais abrangente e complexa da sociedade amazônida, ou seja, tem-se descoberto que a literatura na e da região desde o século dezenove tem procurado retratar a realidade social e cultural da região, rejeitando o reducionismo literário cronista europeu que teimava em apresentar apenas a biodiversidade da floresta e suas exploráveis riquezas, ignorando propositalmente os sujeitos humanos amazônidas como elementos essenciais na composição do cenário amazônico.

Um dos grandes escritores que era grande conhecedor da região, Herculano Marcos Inglês de Souza, surge como autor expressão literária com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. Ele nasceu em 1853, na cidade de Óbidos, na região do Baixo Amazonas, estado do Pará e faleceu em 1918, na cidade do Rio de Janeiro. Souza influenciou o modo de se fazer literatura no País, principalmente quanto ao Realismo e Naturalismo. Com sua literatura enraizada no ambiente da floresta amazônica, esse ícone da literatura brasileira inspirou grandes escritores amazônidas para, ao longo do século XX e início deste século, desmistificarem a Amazônia de visão eurocêntrica por meio da experimentação estética de olhares locais sobre a vida efervescente nas pequenas cidades,

vilas e comunidades no interior da grande floresta tropical. Sobre a tecitura literária do escritor obidense, Paulino (2019) argumenta que

Embora no século em que o romance fora escrito, as questões regionais fossem pouco focadas no escopo literário, Inglês de Souza propôs a si mesmo tornar sua obra o mais contingencial possível, protagonizando questões vinculadas à realidade ao trazer para o interior de seus textos romanescos o dia-a-dia de uma pequena cidade no interior da Amazônia. Deste modo, nossa condição de um leitor pesquisador ou mesmo de um leitor epistemológico, está no entremeio à cultura, literatura, história, filosofia, com a proposta de produzir diálogos interdisciplinares que possibilitam ampliar os limites do fenômeno literário (PAULINO, 2019, p. 837).

Neste sentido, propomos trazer ao debate as particularidades amazônidas a partir da perspectiva de um escritor nascido no entreposto de Belém e Manaus, na cidade de Óbidos, Inglês de Souza (1853-1918). Interessa-nos resgatar conforme Paulino (2019), a trilogia romanesca deste escritor para analisar as formas de representação amazônida nas últimas décadas do século XIX, considerando no enredo proposto por Souza o ambiente natural, a realidade social e a diversidade sociocultural local, arquitetado a partir de linguagens próprias da região, com experimentações estéticas que articulam texto e contexto para afirmar um pensamento possível sobre a existência humana na Amazônia, a partir do eixo epistemológico *Cenas da Vida Amazônica* e assim provocar reflexões sensíveis na humanidade. Paulino expressa que:

Na obra, os personagens imaginados por Souza apresentam olhares da vida e do jeito de ser do povo da Amazônia, sua relação peculiar com a floresta, o jogo meticuloso de poder político, as disputas por terras entre fazendeiros cacaulistas, os trejeitos de moradores da floresta, as relações conflituosas de amor, os fatos sociais que sem entendimento de cultura que Souza propõe seria de difícil compreensão (PAULINO, 2019, p. 88).

A trilogia romanesca que compõem o empreendimento literário de Inglês de Souza possui os seguintes romances: *História de um Pescador* (1876), *O Cacaalista* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877). A trilogia inglesa recebeu pelo autor o título de *Cenas da Vida Amazônica*, porque as paisagens amazônicas serviram de panorama essencial a seus enredos. Embora Souza tenha assumido o pensamento iluminista como inspiração acadêmica de sua época, num país que teimou por anos o conservadorismo oligárquico contra os ventos da modernidade, foi a influência de Émile Zola e Eça de Queiroz em sua formação literária que o levou a enveredar pelo mundo da literatura. Esses dois escritores

moldaram Souza em argumentos e em estilo na composição de suas tessituras romanescas (PAULINO, 2018; SALLES, 1990).

No entanto, uma leitura mais acurada mostra que Inglês de Souza privilegia mais as lutas que afligem o homem moralmente: a opressão do mais forte sobre o mais fraco, e também a força indômita da própria natureza que faz desse habitante das paragens remotas e esquecidas uma vítima impotente das forças contra as quais se vê impossibilitado de lutar (PAIXÃO, 2004, p. 14).

Segundo Neves; Fiuza e Paulino (2021), Souza não tinha o compromisso de apresentar tratados científicos da vida cotidiana na Amazônia. Livre de amarras científicas, ele desenvolveu formatos estéticos sérios e lúdicos sobre o contexto histórico e cultural da floresta, explicitando em formato de romance um universo diversificado de culturas em processo de hibridização e a efervescência da vida na Amazônia.

Em meados do século XIX, foram a mentalidade de intelectuais, as ideias positivistas sobre republicanismo e progresso, e as teorias científicas embarcadas no País a partir da Europa iluminista que atreladas a interesses de cafeicultores provocaram os primeiros passos da transformação sociopolítica brasileira:

Desse contexto, podemos depreender que o regime imperialista, as oligarquias, e o regime de escravidão ao qual era acometido o Brasil não cabiam mais como discurso político de uma sociedade em pleno processo de transformação. Era tempo de progresso e implantação de um modelo republicano. Neste sentido, instituir a República era uma tentativa de adequação da estrutura jurídico-política a uma nova realidade socioeconômica que então se apresentava. Desse processo, decorrem no Brasil novas convenções e configurações sociais, econômicas e culturais espelhadas no que ocorria na Europa sobre a compreensão de como se institui uma nação evoluída (PAULINO, 2018, p. 85).

Portanto, a república chega ao Brasil e se intensifica por meio do discurso de mudanças sociopolítica, buscando transformar o país no que a elite nacional acreditava ser exemplo de nação moderna. Para isso, grandes transformações, sociais, políticas, econômicas eram necessárias. A primeira delas foi a constatação de que o império não cabia mais nos moldes de governança dos tempos modernos. Conseqüentemente, as ideias iluministas sobre governo, vistas como progressistas, acabaram por fomentar mudanças políticas no regime nacional e a implantação da República como forma de preparar o país a novos horizontes (PAULINO, 2018).

No âmbito da literatura começava-se a ensaiar no país modelos bem modernos de literatura. A influência iluminista do rigor investigativo serviu de base ao surgimento do

Naturalismo, com suas ênfases regionalistas na composição de textos literários. Paulino considera que:

Ao longo do século XIX, as transformações efervesciam não somente no campo socioeconômico e político brasileiro. Influenciado por novas ideias científicas e filosóficas que estavam em pleno debate na Europa, o universo intelectual teve de renovar seu pensamento. Um dos segmentos intelectuais influenciados pelas ideias inovadoras europeias foi o literário. As questões sobre o Naturalismo e o Realismo como propostas de ruptura ao Romantismo da época ganharam espaço no ambiente da literatura brasileira. Tanto no Sudeste brasileiro – São Paulo e Rio de Janeiro – como no Nordeste e no Norte do País, as propostas literárias começaram a focar seus enredos em questões mais sociais do que individuais (PAULINO, 2018, p. 86).

Teimoso em fazer valer o espaço da Amazônia como cenário para o desenrolar de enredos narrativos regionais, Inglês de Souza se utilizou de diversas formas de composição textual para debater assuntos locais que também poderiam ser assuntos nacionais, até porque a literatura tem a característica de experimentar as possíveis compreensões da condição humana. Assim, sem o compromisso de apresentar tratados científicos da vida cotidiana na Amazônia, Souza fez opção por uma estética séria e lúdica para apresentar o contexto histórico e cultural, explicitando um universo diversificado de culturas em processo de hibridização. Com base nessas informações apresentamos as internalidades da trilogia inglesa.

2. Trilhas epistemológicas da trilogia romanesca de Inglês de Souza

As obras de Inglês de Souza, *História de um Pescador* (1876), *O Cacauleta* (1876), *O Coronel Sangrado* (1877), *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1892), apresentam um universo particular da Amazônia do século XIX, retratando o modo de vida dessa sociedade. Nos limites da ficção e da história, Souza compôs com detalhes um olhar sobre a realidade na Amazônia. Seus romances concentram-se na vida social das pequenas vilas ribeirinhas de Óbidos, locais onde as famílias abastadas cultivavam extensas plantações de cacau.

Artur Reis em *História de Óbidos* defende que a inspiração de Souza em seus enredos tem essência puramente amazônica e atribui seu conhecimento e inspiração ao fato de que sua infância em Óbidos o permitiu sentir de perto “o ambiente, cuja imagem o acompanhou pelos anos afora”:

Ambiente criado por uma sociedade de cacaulistas, de viver risonho, em meio a uma natureza luxuriante que explica muito da desenvoltura moral de suas populações, seus romances, evocando essa paisagem social, por isso mesmo valem, na literatura nacional, como um dos mais ricos conteúdos para a compreensão de nossas características humanas, de nossos desajustamentos sociais (REIS, 1979, p. 100).

De forma semelhante, Neves, Fiuza e Paulino afirmam que as narrativas literárias de Inglês

[...]descrevem um universo particular de sociabilidade na Amazônia do século XIX, apresentando com riqueza de detalhes a emergência das famílias modernas na sociedade nortista brasileira. Elas descrevem objetiva e comprovativamente o modo de viver da sociedade amazônica, e para isto não poupou palavras, compondo nos limites da ficção o que a realidade na Amazônia se lhe apresentava (NEVES; FIUZA; PAULINO, 2020, p. 10).

Para as pessoas que não conhecem a Amazônia, ler a trilogia de Inglês de Souza soará como descoberta da intensa vida social, econômica e cultural que ocorre no interior da floresta, desconstruindo a falsa ideia de que a Amazônia seja somente uma floresta densa, desabitada e excêntrica. Para as pessoas que nasceram e vivem na Amazônia, ler Souza é ler a própria vida na sua intensidade contemplando os processos “na busca por melhorar seu modo de lidar individual e coletivamente com a vida em um ambiente que somente se sustenta a partir da lógica da floresta” (NEVES; PAULINO, 2023, p. 86).

Conflitos, trejeitos, dramas e risos são colocados nas narrativas de seu romance de maneira tão regional que parece estar Souza contando a história das pessoas locais com uma afinidade de cunho familiar ou de vizinhança, e não uma ficção desprezível. Entretanto, Paulino defende que o escritor não busca uma exaltação do interior amazônico, mas, “um enfoque nas tramas sociais, apresentando a floresta apenas como cenário ideal para suas narrações literárias, ainda que dela dependa a vida do sujeito na Amazônia” (PAULINO, 2019, p. 839).

Afinal não seria essa a ideia fundamental da epistemologia do romance? Buscar racionalidades em uma obra que permita ao leitor se convencer da existência de eixos epistemológicos que garantam o entendimento de aspectos da realidade, sem que o texto necessariamente se comprometa com verdades? De fato, a trilogia de Souza não está comprometida com verdades ou falsidades. Ela está comprometida com racionalidades que permitam apresentar a existência das intensas relações, demasiado humanas, no interior da densa floresta, entre o “*matuto e o civilizado*” (PAULINO, 2018, p. 88).

3. História de um Pescador: conflito entre o tapuio e o senhor da terra

No primeiro episódio da trilogia “Cenas da Vida Amazônica”, a *História de um Pescador* (1876) foca na Amazônia como ambiente do enredo. O palco da trama é um pequeno sítio e uma fazenda, Jacaretuba, localizados nas margens de um igarapé de Alenquer, na saída de um Paraná-mirim de Baixo, a sudeste de Óbidos, logo depois da saída do Estreito do rio Amazonas em direção a Belém. A precisão de dados torna o romance tão crível que parece estarmos lendo um texto de geografia amazônica e nos dá uma sensação de estar existindo naquele recorte amazônico como autênticos ribeirinhos.

O Amazonas, cheio de ilhas de todas as formas e dimensões, oferece no seu curso várias larguras, abunda em *ygarapés* e *paranamerys*, que não são mais do que a maior ou menor porção de água do rio compreendida entre duas ilhas ou duas series de ilhotas. Ora, as margens distanciam-se grandemente uma da outra, formando uma vasta extensão d'água, uma bahia ou poço, ora apertam-se em *furos* e *ygarapés*, que, já direitos e tortuosos, apresentam uma infinidade de pontas, de *estirões*, e de pequenas enseadas (SOUZA, 1990, p. 41).

O romance de 1876, narra a história de José, um *tapuio*, denominação dada a indígenas que recusavam negociar suas vidas com brancos – o termo significa arredo –, filho de Benedita e do pescador Anselmo Marques, residentes num pequeno sítio nas proximidades da fazenda Jacaretuba. Com a morte do pai por afogamento em um acidente a mando do Capitão Fabrício Aurélio, proprietário da Fazenda Jacaretuba a serviço em Santarém, a narrativa ensaia um debate dos contrastes sociais na figura de José Marques, representando um colonizado matuto-tapuio em estado de subserviência; e na figura do Capitão Fabrício na condição de colonizador, branco, explorador e expropriador, no final do século XIX. A narrativa ingleziana apresentará este último como uma pessoa que, por se sentir superior, agredia psicologicamente José, usando seu laço paternal para culpá-lo: “*José, tu és um mau filho!*” (SOUZA, 1990, p. 38).

A medida que o enredo segue, podemos notar a “destreza de Souza ao narrar a realidade amazônica, principalmente os dramas de caboclos da região cujo foco crítico estava nas questões sociopolíticas da época” (NEVES; PAULINO, 2021, p. 23). No enredo, José até depõe à sua mãe, Benedita os maus tratos recebidos pelo seu algoz:

- Se ele for homem de juízo que fique no que está, replicou o pescador levantando-se, e passeando agitadamente pela cozinha. Mas qual! Os brancos entendem que os tapuyos não servem para cousa alguma. Desde que aqui

cheguei o capitão Fabrício tem feito comigo o que não se faz com um negro. Por causa dele, e só por causa dele, eu tenho chorado lágrimas de sangue! Tenho gasto dias do melhor da minha mocidade em ingratos e excessivos trabalhos que não me têm trazido senão o desgosto e as antipatias ao próprio capitão Fabrício. Ele julga que há de fazer comigo o que tem feito com outros, mas engana-se que eu não estive em Óbidos à toa (SOUZA, 1990, p. 133).

O círculo de dominação imposto pelo capitão ao ribeirinho gira em torno de dívidas feitas em vida por Anselmo Marques ao seu patrão. Essa dívida que não foi paga por Anselmo serve como uma boa oportunidade para Fabrício substituir seu falecido empregado por seu filho José e ainda obriga o tapuio a viver para pagar essa infindável dívida, “*uns oitocentos mil réis*” (SOUZA, 1990, p. 33).

- Vamos, José, disse consigo, o capitão Fabrício tem o direito de exigir serviços de ti, e ainda mostra a sua bondade não te arrancando o sítio. Trabalha pois, paga o que deves, e só então serás completamente livre. O pagares as tuas dívidas não te obrigará a ser escravo do capitão em tudo e por tudo. Vamos, José, é preciso proceder com prudência e honradez (SOUZA, 1990, p. 35).

O conflito dos dois se amplia com a entrada da personagem Joaquina, amada de José Marques, que em certo momento assume seu desejo de ficar com o Capitão Fabrício, por ser branco e abastado e “a reação de Joaquina, dando preferência ao homem branco feriu a José” (NEVES; PAULINO, 2021, p.24). Esse conflito se estende em uma série de cenas que demonstra o entrave de José por não quitar as dívidas de seu pai, mas em insistir na mameluca, observando que a mesma é importunada pelo explorador branco acreditando de forma ingênua que o capitão Fabrício tinha sentimentos por ela. Observamos que no triângulo conflituoso há nuances dessemelhantes entre os três personagens. José, pescador, humilde, apresenta um amor puro, respeitoso e honesto a Joaquina, que agrada o tapuio por “sua faceirice mulata, o ar sério e melancólico da tapuya, e tereis um misto todo admirável, um todo sedutor, que tal era a Joaquina, a mameluca” (SOUZA, 1990, p. 54), possivelmente seriam os mesmos atrativos que fizeram o capitão Fabrício se interessar pela jovem.

Souza não somente expõe traços de superioridade do fazendeiro branco sobre o tapuio, como também deixa visível sua apurada dominação sobre a mulher ribeirinha, pobre, miscigenada colocando-a num lugar de inferioridade. Essa violação à Joaquina fica exposta no romance do escritor em tais gestos violentos. “Passando-lhe a mão pela face com brutal familiaridade”, “passou lubricamente a mão pelo colo de Joaquina com um sorriso asqueroso de luxúria”, conforme o narrador (SOUZA, 1990, p. 64).

Provando por meio de sua resistência até os últimos instantes que o branco não deveria se impor sobre ele, José, encerrará o romance com o assassinato do Capitão Fabrício. Em todas a narrativa, o escritor deixava visível a presença do ambiente amazônico, prosperando em fauna, flora e flúvio. Este panorama dividido em sítios e fazendas dentro de *História de um Pescador*, no revela que a Amazônia é parte total de um todo na vida dos seres amazônidas.

Amanheceu finalmente. O sol rompeu brilhante por entre as altas sumaúmas e palmeiras, e afugentando a noite, encheu de luz o rio. Os japuns e os tamaburús-pará saudaram a aurora cantando em desafio; os magoarys, os carões, as garças voavam gemendo por sobre os mangues da beirada, e os papagaios atravessavam ruidosamente o rio em direção aos cacauais (SOUZA, 1990, p. 172).

Neves e Paulino (2021) em análise da narrativa esclarecem que, Souza parece nos alertar sobre lutas comuns de classes no interior da Amazônia, principalmente entre tapuios e senhores de terra. No primeiro romance temos a destreza de Souza ao narrar a realidade amazônica, principalmente os dramas de caboclos da região cujo foco crítico estava nas questões sociopolíticas da época, e nos conflitos entre brancos, caboclos e indígenas e a tentativa destes em resistir à uma invasão assediada dentro do seio amazônico.

3. O Cacaalista: triângulo de conflitos no interior amazônico

O segundo episódio da trilogia “Cenas da Vida Amazônica”: *O Cacaalista*, foi escrito em 1876, e conta a história de Ritinha, Miguel Farias, o tenente Ribeiro e outros personagens. O local do enredo é a mesma Amazônia interiorana do primeiro romance, mas agora expõe o ciclo do cacau amazônico do século XIX. É no *Cacaalista* que o leitor fica sabendo da inimizade entre Miguel e o tenente-coronel Ribeiro, e como se iniciou a paixão entre Miguel e a caboclinha Ritinha, moradora de ribeira do rio e filha de Ribeiro. O segundo romance de Souza começa exibindo a fazenda de São Miguel, herança conquistada pelo avô do personagem Miguel.

Algumas milhas acima da cidade de Óbidos, à margem do Paraná-miri, existia ainda em 1866 a fazenda chamada de S. Miguel, bonito sítio em que se plantava o cacau, e se criavam algumas cabeças de gado, limitada indústria de um proprietário pouco laborioso. A grande casa de vivenda, bastante afastada do porto, por causa das enchentes, o terreiro, o tendal, as laranjeiras e mangueiras onde cantavam constantemente os alegres japiíns (chechéos), tudo isso tinha um aspecto agradável, ainda que melancólico. À esquerda da casa, e a cem passos dela ficava o curral, onde todas as tardes se recolhia o gado, e para o Norte se estendia a perder de vista o campo, onde apenas uma ou outra embaúba se erguia

aqui e ali. O sombrio cacauá comunicava o sítio com as outras propriedades vizinhas, e por trás da casa uma lagoa de água negra, criada por um braço do Amazonas, e cercada de aningaís cerrados, formava o fundo do quadro (SOUZA, 1973, p.1).

Podemos notar a desenvoltura do narrador de Souza sobre um lugar comum de ajuntamentos de quem vive nas ribeiras amazônicas e os aspectos naturais da floresta para construir um ambiente familiar com importantes traços amazônicos. O narrador descreve a fazenda de Miguel como se estivesse visitado os donos ao analisar a distâncias dos elementos arredores da casa grande e a composição das plantações e igarapés com sua vegetação própria. “A paisagem-natureza e a paisagem-social estão presentes, paisagem de um passado não muito distante, de uma sub-região, aquela que denominamos de Baixo Amazonas” (REIS, 1973, p. 15).

O jovem ribeirinho Miguel vivia com sua mãe Anna no sítio São Miguel, herdado do falecido marido João Faria, que a custo de trabalhos como regatão conseguira dinheiro para comprar e proporcionar vida melhor a sua família. Em sua infância, Miguel “passava o dia inteiro a flechar lagartixas e a pescar de caniço na beira do rio, a montar nos bezerros, que frequentemente faziam-no cair no meio do capinzal”, grifo do narrador (SOUZA, 1973, p. 4). Ana e seu filho passam então a cuidar do sítio – a impressão que temos é que o escritor mantém a lógica de seu primeiro romance, pois a história é bastante similar, marido morto e esposa viúva que passa a cuidar de um pequeno sítio com seu filho.

O primogênito foi ter contato com o espaço citadino por meio da influência parental e religiosa. Mais, viu-se privado de sua liberdade ao morar com seu tio padre em Óbidos e, como Souza bem expõe no romance, de correr todos os dias em seu sítio, o também sofrimento da mãe em não ter seu primogênito ao lado dominando o arco e as flechas. Há uma descrição das reminiscências de Miguel longe do Paraná-miri:

[...] e enfim, sentiu-se dominado pelas saudades do sítio; uma grossa lágrima rolou-lhe pela face morena. Neste momento revelavam-se nele as suas primeiras inclinações, com toda a força do natural. Figurava-se longe dali: parecia-lhe ouvir o mugido do gado no curral, o cantar do japiim e o latido alegre do seu cão de caça. Como que sentia a montaria, deslizar rápida no rio, impelida pelo seu remo redondo; via perfeitamente boiarem à pequena distância enormes tartarugas e monstruosos peixes-boi. Nisto a voz do padre José veio despertá-lo e lembrar-lhe a realidade [...] (SOUZA, 1973, p. 5).

Souza dialoga que foram três anos de convivência e aprendizado das letras e da gramática até o dia em que Miguel sentiu falta dos tempos de sítio e abandonou a vida na casa do tio para voltar ao convívio com sua mãe. A saudade do interior fez com que

Miguel largasse os ares obidenses e procurasse o sítio, resgatando sua antiga rotina ao lado de sua mãe, ou seja, para viver em seu mato, em seu rio, e usufruindo do que a Amazônia lhe oferecia longe da urbanidade. Na narração, o sítio está repleto de cacau, cabeças de gado e de mulatas escravizadas. O sítio é cobiçado por outro senhor, proprietário de terras, que é o mulato Ribeiro - que no terceiro romance da trilogia, será rotulado de *apanha tudo*.

O tenente fora um dos rapazes que haviam pretendido a mão de D. Ana, quando ela era solteira.; recusado pelo pai em razão de seus poucos haveres e da sua origem, e pela filha em razão talvez da cor, Ribeiro não se mostrara muito sentido por isso, ainda que seu orgulho tivesse sido profundamente ferido pela recusa. Esta indiferença afetada não tinha agradado a filha do capitão Fernandes, que não podia avistar o rosto sempre alegre de Ribeiro e ouvir a sua voz zombeteira sem sentir um íntimo despeito (SOUZA, 1973, p. 11).

O enredo então apresenta os conflitos gerados com a entrada de Ritinha, filha do coronel, que se torna a paixão de Miguel. É um triângulo conflituoso, pois Miguel descobre que a morte de seu pai não foi mero acidente, mas encomenda de Ribeiro por cobiça das terras de sua mãe. O conflito também alcança seu ápice quando Ritinha diminui a condição de Miguel a um simples namorado de infância.

Desvalorizando seus sentimentos, ela acaba se casando com um militar recém-chegado na cidade de boa aparência e de destaque social, alferes Moreira, por orientação de seu pai. “Talvez porque o próprio tenente desejara certa ocasião casar-se com sua mãe, Anna, e o pedido foi rejeitado pelo pai por ver no tenente, um senhor de poucas posses e de pele “mulata” (NEVES; PAULINO, 2021, p. 27).

As desavenças entre os dois vizinhos por questões fundiárias revelam as tramas vividas na época oitocentista na Amazônia. Souza buscou representar através do tenente *Apanha tudo* a intervenção não só vista pelo viés do branco, como também do caboclo sobre a apropriação, salientando que essas reações não eram comuns em se tratando de caboclos. A questão das terras entre Miguel e Ribeiro tomou proporções judiciais e neste processo. O resumo final d’O Cacauleta de Inglês de Souza é feito por Neves e Paulino:

Quando chegou o dia do Capucho, Martinho Mendes e Antunes Abreo testemunharem, somente Capucho e Antunes afirmaram ser a terra do Uricurizal de Miguel. Ao retornar, Mendes se encontrou com Miguel e disse que o Capucho ficara na cidade para ajudar Moreira no preparativo de seu casamento com Ritinha. Logo, Miguel foi ter com Rita que confirmou a notícia. Logo depois, ele se encontra com Capucho, e descobre que Martinho e Mendes juraram em favor de Ribeiro. Na cidade, conversa com seu tio Padre José sobre sua derrota para Ribeiro, e o casamento de Ritinha com Moreira (NEVES; PAULINO, 2021, p. 29).

A decepção de Miguel é tamanha que ele acaba decidindo viver em Belém por um tempo para superar o ódio primitivo que o incentivava a assassinar Ribeiro, pai de sua amada e, abrir caminho para se recuperar da desilusão amorosa. O segundo romance acaba sem mais delongas. Esse episódio procura situar o leitor amazônico na paisagem amazônica e como ela se transforma ao longo de decadências e apogeus que marcaram e marcam os ciclos de produção na Amazônia ao longo de décadas. Paulino (2019, p. 839) assegura que “Inglês de Souza deu às suas obras naturalistas uma dimensão particular, singular e genuína, não repetindo padrões eurocêtricos na sua opção conceitual”.

4. O Coronel Sangrado: matutice e civilidade amazônica

Esse episódio é continuação do segundo romance de “Cenas da Vida Amazônica”. *O Coronel Sangrado* foi escrito em 1877. Nele, Souza continua também se utiliza para enveredar no jeito de ser e viver do povo da Amazônia, e sua relação peculiar com a floresta. *O Coronel Sangrado* apresenta a derrocada do Coronel Severino de Paiva Prestes, conhecido como *Coronel Sangrado*, apelido que tinha por ele receitar sangrias às moléstias da população, bem como as nuances culturais e sociais do povo amazônica.

Emerge no romance o conflito pessoal vivido por Miguel Fernandes sobre fatos de sua vida antes da ida a Belém, quando era menino “*matuto*” em Óbidos e de sua vida na capital paraense regrada de conveniências sociais e padrão citadino “*civilizado*”:

O romance apresenta traços culturais, memoriais e fluidez na apresentação da identidade social por meio da relação de pertencimento dos personagens a uma região entre rios e florestas. O texto é composto de narrações tão detalhadas da vida e de costumes sociais que somente quem já viveu nessas terras teria propriedade em descrever, o que confirma a forte sensibilidade desse autor brasileiro para com a região. O Coronel Sangrado possui em sua engenharia arranjos comportamentais de hábitos, valores sociais, relações econômicas e nuances políticas, vividos em terras no interior da Amazônia, no final do século XIX. Problemas de ordem racial, eleitoral, patronal também foram diluídos no romance, dando fluidez aos vértices constituintes do conflito entre Miguel Fernandes e o coronel Sangrado (NEVES; FIUZA; PAULINO, 2021, p. 11).

O enredo sobre o Coronel Sangrado ganha forma a partir do momento em que Severino soube de sua volta de Belém, das rixas políticas com Ribeiro e da questão fundiária conflituosa com o herdeiro dos Fernandes em que esta última tomou como sua, “o negócio do rapaz é meu também, e tomo-o a peito”, conforme o narrador (SOUZA, 2003, p. 38). Ele então convida Miguel a entrar para a política e quem sabe casar-se com

sua filha Mariquinha, já que a maneira como ela fora criada e educada em Santarém e como tratava os obidenses, dificultaria encontrar um pretendente. Neves e Paulino (2023) nos expõe que as intenções de Sangrado têm relação com alianças políticas, haja vista ser comum esse tipo de enlace matrimonial para favorecer o poderio político, econômico e social da época, e o filho de Ana caberia de forma certa aos atributos procurados por Severino de Paiva.

Miguel sabia que por meio da política poderia se vingar de Ribeiro e aceita a proposta de Sangrado. Entretanto, sua mente teimava em rememorar seu sentimento conflitivo de amor pela jovem casada Ritinha já então mãe, filha do mulato Tenente Ribeiro, rico proprietário de fazendas, seu desafeto, apregoado por seus conterrâneos como o *apanha tudo* pelo fato de que era apropriador de terras e plantações vizinhas para aumentar seu domínio fundiário. Por isso, ousamos afirmar ser um grileiro e cobiçador de terras no século XIX.

O amor de Miguel por Rita parecia apaziguar o conflito ‘*civilidade e matutice*’, recompondo seu refinamento social ocorrido na capital contra ao atávico da vida cotidiana interiorana. Souza deixa visível no romance a mulher ribeirinha com seus trejeitos locais e humildes de quem nunca saíra de seu reduto para a cidade e o rapaz da capital com seus modos e gentilezas moldados pela experiência belenense.

A filha ou afilhada do tenente Ribeiro, mulher do alferes Pedro Moreira Bentes, subdelegado de Vila-Bela, era uma rapariga de dezenove anos; era morena, desse moreno pálido que tão bem assenta nas filhas do Amazonas; os grandes olhos negros vivos e travessos tinham toda a petulância de uns olhos de menina brejeira; a mimosa boca facilmente sorria, pondo à mostra duas ordens de belíssimos dentes; Rita era baixa e robusta, mas tinha um arredondado de formas, tanta volúpia e langor nos movimentos que encantam. Se o brilho do olhar fazia supor uma menina travessa, o andar livre e desembaraçado, certo ar senhoril, o desenvolvimento geral das formas traíam a mulher casada. Tinha a moça o tom de voz arrastado e carinhoso que é peculiar às mulheres paraenses, e que dá-lhes um encanto inexprimível; mas o que nela se sobressaía ao todo era a leviandade e a faceirice que se lhe liam no rosto e nos modos. A este respeito tinha razão o tenente Ribeiro em dizer que a afilhada não mudara (SOUZA, 2003, p. 86).

A volta de Miguel, quatro anos depois não foram suficientes para esquecer a ribeirinha e nem os contextos que vivera com ela quando ainda jovens em meio às adversidades vividas com o pai da moça. Essas reminiscências se davam às esperançosas lembranças que Miguel tinha da época do romance de infância em meio aos cacauais.

Difícilmente pôde Miguel conter a emoção que lhe causou a vista de Rita; foi tal o abalo que sentiu com a presença da moça, apesar de se ter preparado para esta entrevista, que não soube o que dizer. Parecia-lhe que aquela moça que tinha diante de si era a mesma travessa rapariguinha que amara, com quem tantas vezes brincara nos cacauais e com a qual tanta familiaridade gozara; retraçavam-se agora, mais do que nunca, vivas e indeléveis as cenas de que quatro anos fora teatro o Paraná-Merim de cima; o moço julgava ver a filha do tenente no dia em que no passeio ao sítio de Maria Mocoim, se mostrara tão bem disposta ao seu respeito, ou na tarde em que lhe anunciaram o seu casamento com o alferes Moreira (SOUZA, 2003, p. 86).

O enredo gira em torno de eleições e suas articulações não poucas vezes com regras de conveniência típicas de cidades interioranas brasileiras. Ao final, Sangrado é traído por seus partidários por pensarem que ele não estaria mais em condições de atuar, e assim não apoiam a eleição de seu protegido Miguel por ser jovem e não possuir tino político. Por fim, Mariquinha, filha de Sangrado, descobre que os amigos políticos de seu pai deram um golpe em Sangrado. Durante as eleições, Miguel também descobre que sua amada, a filha de Ribeiro, seu inimigo e inimigo político de Sangrado, havia ficado viúva. Miguel se agita com a notícia, pois sabia que o fato abriria possibilidade de sua reconquista a Rita. Por fim, ele se encontra com Rita que o aceita como novo amado. Sangrado derrotado das eleições é acometido de uma doença e morre:

Nota-se que ao final do romance, Mariquinha no seu ritual de nivelar se ao refinamento de Miguel se revelou inútil na conquista. Por outro lado, Rita na sua simplicidade matuta é premiada pela conquista de Miguel, que abdica sua formação refinada para viver o romance que sempre desejou na vida, aquele que nasce e se eterniza no ambiente da floresta amazônica (NEVES; PAULINO, 2023, p. 92).

Souza nos consente com seus escritos, enxergar a Amazônia a partir das mais diversas cenas literárias e dos mais diversos cenários [ribeirinho e citadino]. Assim, o que a floresta nos permite, seguindo Paulino (2019) é a apresentação da vida matuta nas multifaces dos personagens.

Considerações finais

Seus textos preenchem uma lacuna de entendimento histórico, social, cultural e político da região amazônica do século XIX, levando novos olhares de que na Amazônia também se vivia política como em qualquer outro espaço do Brasil, mas, com uma gentileza de interior e essas nuances possam ser atribuídas pelas experiências políticas, partidárias e da magistratura Brasil afora que fizeram Inglês de Souza mesclar tudo isso num requinte amazônico. Neste sentido, seus enredos nos provocam a penetrar sem temor

na intimidade sociocultural de um povo, para de dentro apresentar que o jeito simples e matuto do interior da Amazônia é condição fundamental para se entender como é a vida em meio a florestas e rios.

Ao fazer a imersão, descobrimos nos escritos de Inglês de Souza a vida regionalizada e intensamente mergulhada no ambiente de rios e florestas, e um diálogo efervescente entre razão e sensibilidade, em um contexto de reflexão histórica e literária. A essa descoberta refere-se ao que Paulino (2014, p. 40) observa que “é preciso mergulhar nos detalhes da obra a fim de abrir perspectivas de estudos mais aprofundados”.

Não é, pois, por acaso que Inglês de Souza não poderia ser senão o introdutor da Literatura Naturalista no Brasil (e não Aluísio de Azevedo com sua obra *O Mulato* de 1881), e que sua obra, decididamente regionalista e de valor histórico, social e cultural inestimável, se configura como projeto escriturário do autor, compromissado em apresentar a seus leitores a cultura amazônica do século XIX, e suas nuances sociais, políticas e culturais.

A literatura escrita por Inglês traz um Amazônia totalmente autêntica, desprendida de visões estrangeiras, colocando todos os prismas existentes em sua terra por meio de sua essência de ser um filho amazônica, por seu amor que levou a inspirá-lo na Amazônia os seus romances destacando as origens culturais da região no retrato do branco, do originário, do afro amazônico, do mulato, do mameluco, do tapuio. Como notamos em seus textos diversos, a riqueza de sua obra é um verdadeiro testamento e testemunho da vida e seu pertencimento na região amazônica.

Referências

ACOSTA, Josef de (1590). **Historia Natural y Moral de las Indias**. Edición crítica de Fermin del Pino-Díaz. Colección de Aca y de Alla: Fuentes Etnográficas. Cons. Sup. de Investig. Científicas. Madrid-ESP, Cyan, Proyectos y Producciones, 2008. Disponível em: <<http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/bibliotecavirtuale/documento1182/HistoriaNatural.pdf>>

ACUNA, Cristobal. **Nuevo descubrimiento del Gran Río de las Amazonas**. Madrid (ESP), Imprenta del Reino, 1641.

BARROS, E. A.; PAULINO, I. R. **Memória coletiva e afirmação identitária: entre invenções e desinvenções da história afroamazônica**. Kwanissa, São Luís, n. 6, p. 102-117, jul/dez, 2020.

BATES, Henry. **Um naturalista no Rio Amazonas**. (1879) Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 53. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1979.

CARVAJAL, Gaspar de. (1542). **Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana**. Edición y notas de Ma de las Nieves Pinillos Iglesias. Madrid-ESP, Babelia, 2011.

DARWIN, Charles. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life**. New York-USA, D. Appleton and Co, 1859.

FIUZA, A. A.F.; SOUZA, C. A. M.; PAULINO, I.R. **Ciências, histórias e práticas culturais na Amazônia**. Nas teias da Amazônia viva: sujeitos, identidades, territorialidades, linguagens e diversidades / Itamar Rodrigues Paulino, Raquel Amorim dos Santos, Valdeci Batista de Melo Oliveira (organizadores). Curitiba: CRV, 2021.

HUMBOLDT, Alexander von. **Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent - III**. (1814–1825). Paris, J.Smith et Guile Fils. Paris, 1825. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/95419#page/7/mode/lup>

NEVES, F.S. de P.; FIUZA, A.A.F; PAULINO, I.R. **A Leitura de ‘O Coronel Sangrado’ e um Mergulho na Amazônia de Inglês de Souza**: Uma Proposta Epistemológica do Romance. Em: **Revista Línguas & Letras**, [S. l], v.21, n.51, p. [http:// dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20200025](http://dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20200025), 2021.

NEVES, F.S. de P.; PAULINO, I.R. **INGLEZ DE SOUZA**: sua arte e vida de “literar”. Biografias e decolonialidade: a Literatura de expressão amazônica e o universalismo poético paraense / Francisco Pereira Smith Júnior, Francisco Pereira de Oliveira, Ana Paula Vieira e Souza, Itamar Rodrigues Paulino, Valdeci Batista de Melo Oliveira (organizadores) – Curitiba: CRV, 2021. 140 p.

NEVES, F. S. de P.; PAULINO, I. R. **A Epistemologia do Romance “O Coronel Sangrado”, de Inglês de Souza**: uma narrativa da vida cultural amazônica. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 85-97. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48261>

PAIXÃO, S. P. Introdução. In: SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes: 2004.

PAULINO, I. R. **Entre a criação literária e o conhecimento**: aproximações epistemológicas e estéticas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores humanos. 2014. 180 f. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PAULINO, I.R. **Cenas Da Vida Amazônica de Inglês de Souza**: tafulhando sobre estética e Epistemologia. **Anais do II Seminário Nacional De Epistemologia Do Romance**, p. 84. 2018.

PAULINO, I.R. **Cenários Epistemológicos de Culturas e a Literatura de Inglês de Souza como fundamentos para uma discussão da condição amazônica de ser e viver**.

Anais do II Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte. Manaus, AM: Editora UEA, 2019.

PAULINO, I. R. **Mulheres guerreiras Konduri**: o imaginário e o real na desinvenção da história da Amazônia. *Martius-Staden-Jahrbuch*. – n. 63 (2020)– . – São Leopoldo: Oikos, 2020.

REIS, A. C. F. Prefácio. In: SOUZA, Inglês de. **O Cacaulista**. Coleção Cenas da Vida do Amazonas. Belém, UFPA: 1973.

REIS, A. C. F. **História de Óbidos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.

SALLES, V. In: DOLZANI, Luiz. **História de um pescador. Cenas da vida do Amazonas**. 2ª ed. Belém, FCPT/SECULT: 1990.

SILVA, E.K.S.; MELO, H. S.; PAULINO, I.R. **Amazônia como cenário da vida efervescente nas obras literárias de Inglês de Souza e José Veríssimo**. *Via Litterae* (ISSN 2176-6800): *Revista de Linguística e Teoria Literária*, v. 13, n. 1, p. 9-26, 2021.

SILVA, E.K.S. PAULINO, I.R **Amazônia como lugar de culturas**: conceitos, contextos e condições identitárias e memoriais. *REVELLI*, Vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. **O Cacaulista**. Coleção Cenas da Vida do Amazonas. Belém, UFPA: 1973.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. **História de um pescador. Cenas da vida do Amazonas**. 2ª ed. Belém, FCPT/SECULT: 1990.

SOUZA, Herculano Marcos Inglês de. **O Coronel Sangrado**. 2ª ed. Coleção Amazônia. Belém, EDUFPA, 2003.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Vol. 244(1v), 244b(2v), 244c(3v). Tradução de Lucia Lahmeyer. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

VERÍSSIMO, A.; ROLLA, A.;VEDOVETO, M.; FUTADA, S. M. **Áreas Protegidas na Amazônia brasileira**: avanços e desafios /. -- Belém: Imazon ; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

WALLACE, Alfred Russel (1823-1913). **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Notas de Basílio de Magalhães**. Brasília, Senado Federal, 2004. [A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley. London (GB); New York (USA); Melbourne (AUS), Ward, Lock, 1889.